

# SERIALIZAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO EM SÃO-TOMENSE<sup>1</sup>

TJERK HAGEMEIJER  
(Universidade de Lisboa)

## 1. Introdução

O São-Tomense ou crioulo de São Tomé (ST) tem na serialização verbal uma estratégia recorrente da sua gramática. Este trabalho tem por objectivo analisar as construções de verbos seriais (CVSs) nesta língua e determinar qual o comportamento exacto dos verbos nestas estruturas. Essencialmente, argumentamos que em ST nem todas as construções com aspecto de CVS devem ser consideradas como tais, visto que houve uma reanálise parcial ou total do verbo na segunda posição (V2).

## 2. Sobre o São-Tomense

O ST é uma das quatro línguas crioulas faladas no Golfo da Guiné, tendo como superstrato o Português e como substrato línguas do grupo Bantu e Kwa. O ST é uma língua crioula típica no sentido em que é rigidamente SVO, com morfologia verbal reduzida e marcação de tempo, modo e aspecto preverbal. Para a presente exposição, é também relevante que o ST não é uma língua de sujeito nulo e que dispõe de um número limitado de verdadeiras preposições.

## 3. Definir construções de verbos seriais

Existe algum consenso relativamente às seguintes propriedades exibidas por CVSs: são sequências de verbos (e os seus eventuais complementos) que exprimem um único evento, com apenas um sujeito e uma marca de tempo, e sem marcas explícitas de coordenação ou subordinação.

Além disso, assumimos que em ST unicamente em verdadeiras CVSs a marca préverbal de aspecto (habitual) 'ka' pode, opcionalmente, preceder os dois verbos em simultâneo a fim de iterativizar o evento descrito (cf. (1)). Desta forma,

dispomos de um critério para excluir construções afins, como estruturas com verbos auxiliares (cf. (2)), perceptivos (cf. (3)) e causativos (cf. (4)), e com dois eventos sobrepostos (cf. (5)). Verifica-se que nestes casos a presença ou ausência de 'ka' tem um carácter obrigatório na marcação de V2 e nunca está relacionado com efeitos de iteratividade.

- (1) Zon ka dese (ka) ba poson.  
Zon ASP descer (ASP) ir povoação  
'Zon costuma sempre descer para a cidade de S. Tomé.'
- (2) Zon ba (\*ka) piska.  
Zon ir (ASP) pescar  
'Zon foi pescar.'
- (3) Inen tende kwa se \*(ka) wixi-wixi.  
3PL ouvir coisa DEM (ASP) mexer-mexer  
'Eles ouviram aquilo a mexer-se.'
- (4) Zon ka manda inen ome se \*(ka) tlabá.  
Zon ASP mandar 3PL homem DEM (ASP) trabalhar  
'Zon costuma mandar os homens trabalhar.'
- (5) Bo ka dese stlada \*(ka) klonvesa.  
2SG ASP descer estrada (ASP) conversar  
'Costumas descer a estrada a conversar.'

A partilha do argumento interno em CVSs tem sido objecto de alguma controvérsia na literatura. Na base desta discussão estão tipicamente as CVSs direccionais como (6).

- (6) Papafigu vwa subli topi kapitón.  
papafigu voar subir topo capitão  
'O papafigo voou para o topo da árvore do pau capitão.'

Collins (1997) argumenta que neste tipo de construção em Ewe 'subli' é um verbo ergativo e 'vwa' torna-se ergativo, dado que é especificada a direcção do movimento (cf. auxiliares perfectivos em, por exemplo, Neerlandês e Italiano). Contudo, Veenstra (1996) demonstra que V2s como 'ir', 'vir' e 'passar' em Saramaccan (um crioulo do Suriname de base luso-inglesa) partilham as propriedades com outros verbos inergativos relativamente à posição pronominal e predicativa, concluindo que o critério da partilha do argumento interno não tem razão de ser.

Os testes para determinar as classes de verbos (ergativos/inergativos) apresentam resultados interessantes em ST, mas são inconclusivos para os fins pretendidos aqui<sup>2</sup>. O caso particular do verbo 'ba' (ir), no entanto, revela-se

prometedor. Este verbo encontra-se em distribuição complementar com o verbo 'be' (ir), o que foi notado por Ferraz (1979:89). Tabela 1 apresenta alguns dados relevantes relativamente a essa distribuição.

E ba nala. (ele foi lá)	E be dai. (ele foi daqui)
E ba ke. (ele foi para casa)	E be ku bo. (ele foi contigo)
E ba nglentu ke. (ele foi para dentro da casa)	E be njanjan. (ele foi depressa)
E ba da son. (ele foi para o chão)	E be d'e. (ele foi-se)

Argumentos que a motivação por trás da distinção entre 'ba' e 'be' reside na telicidade da acção. Quando é especificada a direcção do movimento (contextos télicos) utiliza-se 'ba' e nos restantes casos utiliza-se 'be' (contextos atélicos). Assumimos que esta distinção corresponde respectivamente à oposição inacusativo/inergativo. Como V2 numa CVS direccional tanto pode ser 'be' como 'ba' (cf. (7-8)), não parece haver necessidade de manter o critério da obrigatoriedade da partilha do argumento interno.

- (7) Zon subli ba ke.  
 Zon subir ir casa  
 'Zon subiu para casa.'
- (8) Zon subli be d'e.  
 Zon subir ir de-3SG  
 'Zon foi-se a subir.'

#### 4. Propostas de análise

As propostas de análise feitas para a descrição das CVSs consistem globalmente em três tipos: coordenação, subordinação, e adjunção. Nesta secção referimos apenas brevemente as vantagens e desvantagens oferecidas por estas análises.

##### 4.1. Coordenação

Quanto à primeira hipótese, diversos autores propuseram para diversas línguas, entre as quais as línguas Kwa, que as CVSs derivam historicamente de frases ligadas por conjunção. Esta terá desaparecida por motivos de redundância, juntamente com o sujeito da segunda oração (cf. Lord (1993:102-3)), uma vez que se mantém uma relação transparente entre as duas orações.

Se no entanto assumirmos que um crioulo deriva de um *pidgin* ou linguagem simplificada, constituída essencialmente pelas categorias N e V, um

processo de complexificação na formação de um crioulo parece prevalecer sobre um de simplificação.

A hipótese de coordenação assindética também se mostra insólida face aos dados de extracção do argumento interno de VI, na medida em que são violadas as restrições sobre ilhas (cf. Restrição sobre as Estruturas Coordenadas de Ross (1967). Note-se que esta restrição pode ter os seus efeitos enfraquecidos se considerarmos que no VP2 de, por exemplo, *take-serials* (cf. (11)) há um *pro* coreferente com o argumento interno de VP1, que resulta numa extracção conjunta do tipo *Across-the-Board*.

Contudo, já tínhamos concluído que a partilha do argumento interno não é obrigatória e, além disso, temos evidência para dizer que *take-serials* instrumentais (cf. (11)) são geradas por movimento do argumento interno com a interpretação instrumental<sup>3</sup>.

Finalmente, Lefebvre (1991) argumenta que as fortes restrições semânticas sobre os verbos em CVSs são difíceis de enquadrar numa análise orientada para a coordenação.

#### 4.2. Subordinação

A fácil extractabilidade dos diversos argumentos e a relação semântica estreita entre os verbos, verificável em muitos tipos de CVSs, argumentam a favor desta hipótese.

Será porém difícil justificar a ausência de marcas (explícitas) de subordinação e nem sempre a relação entre os verbos em CVSs é tida como estreita, o que é evidenciado pela CVS resultativa em (9)

- (9) [Bo d'e ku po] [mata].  
 2SG dar-3SG com pau matar  
 'Mataste-o à paulada.'

Além disso, com base numa comparação entre uma língua serializante de núcleo inicial (Sranan) e de núcleo final (Ijo), Muysken & Veenstra (1995) concluíram que a organização dos SVs em CVSs é independente da direcionalidade da regência, isto é, se a ordem numa língua de núcleo inicial é SV1-SV2, espera-se que, contrariamente aos factos, a ordem seja a inversa da de uma língua de núcleo final.

#### 4.3. Adjunção

A referida opcionalidade de SV2 e o facto de muitos SV2s terem uma função de modificação com interpretações semelhantes a adverbiais constituem fortes argumentos a favor desta hipótese. Além disso, não se podem extrair adjuntos [+wh] de projecções máximas adjuntas. A agramaticalidade de (c) e a

gramaticalidade de (b) como possível resposta a (a) numa CVS resultativa constituem evidência para isso.

- (10) a. [Ke modo], ku bo da t, Zon mata t?  
 Que modo que 2SG dar João matar  
 'Como bateste o João até à morte?'  
 b. N d'e ku po ni kabesa.  
 1SG dar-3SG com pau em cabeça  
 'Dei-lhe com um pau na cabeça.'  
 c. \*N mat'e ku fosa.  
 'Matei-o com força.'

Contudo, a mobilidade na frase geralmente associada a adjuntos (embora haja alguma variação a este respeito) não se coaduna com a mobilidade das SVs em CVSs, que se caracterizam por serem sequências mais rígidas.

### 5. A relação entre verbos em CVSs

A relação que existe entre os dois eventos que compõem uma CVS pode ser estreita ou menos estreita. Ao primeiro tipo pertencem por exemplo CVSs direccionais, locativas, comparativas e de grau, e transferenciais. Ao segundo tipo pertencem nomeadamente as CVSs resultativas (cf. (9)) e as chamadas *take-serials*, que podem ser de tema ou de instrumento (cf. (11)). Arends e outros (1995:291) incorrectamente assumem que este último tipo de CVSs não existe em ST.

Repare-se que *take-serials* não são estruturas de coordenação *covert*, porque a extracção do objecto de VI em (11b) é gramatical, e os testes com advérbios de tempo, negação frásica, tempo e aspecto corroboram que a construção se comporta como um único evento. Por razões de espaço, optámos por omitir estes testes.

- (11) a. Sunge tava ka toma faka va mpon.  
 Senhor T ASP tomar faka cortar pão  
 'O senhor costumava cortar o pão com a faka.'  
 b. Sa faka ku sunge tava ka toma va mpon kwe.  
 ser faka que senhor T ASP tomar cortar pão com-3SG  
 'Foi a faca com que o senhor costumava cortar o pão.'

V2 numa CVS resultativa, por exemplo, pertence a uma classe de verbos muito mais aberta do que V2 numa CVS direccional. Como é previsível, a distinção entre uma relação semanticamente estreita ou menos estreita correlaciona com as probabilidades de gramaticalização de um item lexical. CVSs

direccionais, locativas, etc. apresentam um verbo na segunda posição que está semanticamente próximo de V1, sendo por isso muito mais susceptível de gramaticalizar do que um verbo numa CVS em que isto não é o caso.

A direcção do escopo em CVSs também desempenha um papel fundamental nos processos de gramaticalização. Numa língua de ordem SVO como o ST, V1 será marcado para tempo, modo, aspecto, e negação. Estes núcleos têm simultaneamente escopo sobre o segundo verbo. Por conseguinte, prevê-se que verbos de natureza fixa na posição de V1, como nas CVSs com 'toma', não são fortes candidatos para reanálise.

Em suma, crucialmente verbos na segunda posição de natureza fortemente fixa têm as maiores probabilidade de serem reanalisados.

## 6. Verbos gramaticalizados em segunda posição

Nesta secção discutiremos dois tipos de CVSs que consideramos totalmente gramaticalizados, designadamente CVSs comparativas e de grau com o verbo 'pasa' e CVSs transferenciais com o verbo 'da'. Dada a nossa definição relativamente à marcação aspectual, estas construções já não devem ser tratadas como CVSs. V2 simplesmente ficou desprovido de traços verbais e encontra-se no léxico com uma nova etiqueta categorial.

Compare-se as CVSs de, respectivamente, comparação e grau em (12-13) com uma construção semelhante com a marca de aspecto *ka* a preceder *pasa* (cf. (14)). Nestas circunstâncias *pasa* integra uma CVS direccionial, apresentando características verbais.

- (12) E sa tamen (\*ka) pasa mu.  
3SG ser tamanho passar 1SG  
'Ele é maior do que eu.'
- (13) Zon sa tamen (\*ka) pasa.  
Zon ser tamanho passar  
'Zon é enorme.'
- (14) E ka nda ka pasa mu ni lwa.  
3SG ASP andar AP passar 1SG em rua  
'Ele tem o hábito de sempre ultrapassar-me na rua.'

CVSs transferenciais introduzem principalmente argumentos Alvo e Benefactivo e o elemento na posição de V2, 'da' (dar), comporta-se essencialmente como uma preposição. Apresentamos evidência para isso ao submeter 'da' e o verbo 'tlega' (dar, entregar) ao mesmo teste de extracção. Contrariamente a 'da' em (15), a construção com 'tlega' em (16) requer uma leitura coordenada, uma vez que são descritas duas acções consecutivas.

À semelhança de verdadeiras preposições, 'da' pode ser extraído juntamente com o seu objecto em (15b), ao passo que a extracção do objecto de 'tlega' em (16b) — e nunca com o próprio verbo — rende uma frase muito degradada. Mais evidência para o estatuto preposicional de 'da' advém de respostas sem sujeito em (17) (já mencionámos que ST não é uma língua pro-drop) e do teste de SVs nulos em (18).

- (15) a. Zon skleve kata da migu de.  
 Zon escrever carta dar amigo de-3SG  
 'Zon escreveu uma carta ao seu amigo.'  
 b. Sa [\*(da) migu de]<sub>i</sub> ku Zon skleve kata da t<sub>i</sub>.  
 ser dar amigo de-3SG que Zon escrever carta dar  
 'Foi ao amigo que Zon escreveu uma carta.'
- (16) a. Zon skleve kata tlega migu de.  
 Zon escrever carta entregar amigo de-3SG  
 'Zon escreveu uma carta ao seu amigo.'  
 b. ?? Sa [\*(tlega) migu de]<sub>i</sub> ku Zon skleve kata tlega t<sub>i</sub>.  
 'Foi ao amigo que Zon escreveu e deu uma carta.'
- (17) E tlabá da sum Glomo? // Da sum Glomo...?  
 3SG trabalhar dar senhor Glomo // dar sum Glomo  
 'Ele trabalhou para o senhor Glomo?' // 'Para senhor Glomo...?'
- (18) E tlabá da Glomo? // E tlabá (\*da/\*d'e).  
 3SG trabalhar dar Glomo // 3SG trabalhar dar(-lhe)  
 'Ele trabalhou para o senhor Glomo?' // 'Trabalhou (sim).'

Estes testes mostram que 'da' se comporta como uma verdadeira preposição, embora se distinga dessa categoria pelo facto de o ST ser uma língua que tipicamente deixa preposições *stranded* com um pronome foneticamente idêntico à 3ª pessoa do singular 'e'. Analisamos este pronome como um vestígio com realização fonética, dado que não concorda em número com o seu antecedente. Caso contrário devíamos considerar a hipótese de o tratar como um pronome resumptivo.

Verifica-se que o *stranded* 'da' em (15b) não tem o vestígio realizado, o que pode ser considerado um traço que sobrou do estatuto (verbal) anterior. Este pormenor possibilita-nos argumentar que no processo de criouliização 'da' não entrou logo no léxico como preposição, tendo posteriormente sofrido a reanálise.

## 7. Verbos em segunda posição com características híbridas

Face aos testes, existe uma certa dificuldade em atribuir aos V2s em CVSS direccionais com 'ba' (ir) e CVSS locativas com 'pe' (pôr) uma etiqueta categorial definitiva. Por isso, argumentamos que estes dois verbos se comportam como

categorias híbridas com simultaneamente propriedades verbais e preposicionais. Com base nos testes, verifica-se que CVSs de introdução de discurso (*quotation markers*) com o verbo 'fla' (falar) apresentam um comportamento misto entre verbo e complementador, o que é também típico nas línguas de substrato. Contudo, não abordaremos este tipo de CVS aqui.

Vejamos primeiro as CVSs direccionais. Nestas construções, os V2s de direcção ou movimento seleccionam na posição de V1 verbos da mesma natureza semântica. (19-21) mostram como 'ba' reage respectivamente a testes de focalização, respostas sem sujeito, e SVs nulos.

- (19) Sa [ba losa]<sub>i</sub> ku Zon subli ka be t<sub>i</sub>.  
 ser ir roça que Zon subir ASP ir  
 'É para a roça que Zon costuma sempre subir.'
- (20) Anji ku e subli be? // \*(E) ba losa.  
 onde que 3SG subir ir // 3SG ir roça  
 'Para onde é que ele foi subindo?' // (Ele) foi à roça. (não: para a roça)
- (21) E subli ba losa? // E subli \*(be).  
 3SG subir ir roça // 3SG subir ir  
 'Ele subiu para a roça?' // 'Subiu (sim).'

Apesar de as diferenças entre 'da' e 'ba' serem notáveis, os testes não são conclusivos no que diz respeito à atribuição de um estatuto categorial definitivo a 'ba'. Note-se ainda que 'be' (ir) não é o resultado do vestígio foneticamente realizado de que se falou acima, uma vez que 'be' pode ser precedido pela marca de aspecto 'ka' (cf. (19)), que tipicamente precede verbos. Além disso, é necessário dizer que em (19) o objecto pode ser focalizado sem 'ba'. Uma vez que nesta situação se mantém um 'be' no final da frase, está assegurada a hipótese de haver verdadeiro movimento nestas construções.

É importante frisar que outros verbos de movimentos não apresentam as mesmas características preposicionais de 'ba' nas construções com focalização. Assumimos que 'ba' adquiriu as suas propriedades mistas por ser o verbo de movimento mais prototípico e semanticamente neutro. Também não se prevê que de repente todos os itens lexicais de uma categoria aberta (verbos) adquiram as especificações de uma categoria fechada (preposições). Por último, está sempre patente a força da pressão do superstrato nos processos de reanálise.

Passando às CVSs locativas com o verbo 'pe', constata-se que estas apresentam características semelhantes às construções com 'ba'. Também aqui se verifica que os verbos que possam preceder 'pe' pertencem a uma classe semântica restrita de verbos transitivos de movimento. Em (22-24) repetimos os testes relevantes aplicados a 'ba'.



- (22) Sa [pe gibela] kwe tufu floli ka pe t<sub>i</sub>.  
 ser pôr bolso que-3SG meter flor ASP pôr  
 'É no bolso que ele costuma meter as flores.'
- (23) Anji ku mana de deta kabesa pe? // Pe liba meza.  
 onde que irmã de-3SG deitar cabeça pôr // em cima mesa  
 'Onde é que a irmã pôs a cabeça?' // 'Em cima da mesa.'
- (24) E bloka awa pe lata. // E bloka \*(pe).  
 3SG despejar água pôr lata // 3SG despejar \*(pôr)  
 'Ele despejou a água para a lata.' // 'Despejou (sim).'

Conclui-se que, contrariamente a 'ba', 'pe' pode ocorrer em contextos de resposta sem sujeito (compare-se (20) e (23)), o que aproxima este último verbo um pouco mais das verdadeiras preposições.

Tabela 2 sumariamente mostra as características apresentadas pelos diversos verbos em CVs.

Tabela 2	<i>toma</i> (V1)	<i>V2s</i> <i>direcc</i>	<i>ba</i> (V2)	<i>pe</i> (V2)	<i>da</i> (V2)	<i>prepo-</i> <i>sições.</i>
<i>negação</i>	+	-	-	-	-	-
<i>Tempo/Modo</i>	+	-	-	-	-	-
<i>Aspecto</i>	+	+	+	+	-	-
<i>pied piping</i>	-	-	+	+	+	+
<i>cópia in situ em</i> <i>contextos de focal.</i>	-	-	+	+	+	-
<i>stranding + trace</i>	-	-	-	-	-	+
<i>SV nulo em</i> <i>pergunta-resposta</i>		-	-	-	+	+
<i>resposta sem suj.</i>	-	-	-	+	+	+

Ao ler as propriedades dos itens lexicais na tabela da esquerda para a direita, na direcção prevista de verbo para preposição, verifica-se que o processo de gramaticalização numa língua como o ST plausivelmente é gradual. A tabela não só nos permite estabelecer um padrão hierárquico para os itens lexicais em termos do grau de gramaticalização, mas também nos possibilita determinar os traços relevantes de cada processo e prever o que irá acontecer a seguir se a reanálise ainda se encontra activada.

Nesta perspectiva, o próximo candidato a ser totalmente gramaticalizado será 'pe'. Contudo, existe ainda uma diferença significativa entre 'da', que considerámos já reanalisado, e 'pe'. Esta diferença reside no facto de este último verbo poder ser precedido pela marca aspectual 'ka' e não admitir um SV nulo.

Estas duas propriedades revelam que 'pe' ainda dispõe de significativos traços verbais.

'Ba' apresenta um comportamento ainda menos preposicional do que 'pe', dado que nem sequer permite o contexto de resposta sem sujeito. Os restantes verbos de direcção não apresentam traços preposicionais, embora na posição de V2 não possam ser precedidos de núcleos lexicais de negação, tempo, e modo pelos já referidos motivos de escopo.

A ausência destes mesmos núcleos nos verbos fixos em segunda posição torna-os extremamente defectivos e vulneráveis à reanálise. Verbos e preposições têm em comum a capacidade de seleccionar complementos e a reduzida morfologia verbal do ST facilita o processo de identificação mútua e de sobreposição semântica. Além disso, insistimos mais uma vez que a pressão de superstrato é sempre um factor inegável no direccionamento de processos de crioulização e descrioulização.

Tabela 2 também mostra que a presença opcional/ausência obrigatória da marca aspectual 'ka' precedendo V2 (pelos referidos motivos de iteração) determina se o processo de gramaticalização está completo ou não. Uma vez que 'da' e 'pasa' não podem receber marcação aspectual em CVs, não devem ser tratados como tais.

Através dos testes aplicados, constatámos que V2s em CVs com 'ba' e 'pe' apresentam simultaneamente traços verbais e preposicionais. O estudo de Lord (1993), por exemplo, mostra que esta problemática vai muito para além do caso isolado do ST, extendendo-se a diversas outras línguas crioulas, africanas e asiáticas, entre as quais o Mandarim, que todas dispõem da estratégia de serialização verbal. Mas não é preciso ir tão longe, uma vez que se considera 'for' em Inglês um complementador preposicional (cf. por ex. Emonds (1985)), o que também é válido para 'de/di' nas línguas românicas.

Olhemos agora para agora três frases utilizadas no decorrer deste trabalho.

- (25) Sa [<sup>\*</sup>ka] da migu], ku Zon skleve kata (<sup>\*</sup>ka) da t<sub>i</sub>.  
'It is to his friend that Zon wrote a letter.'
- (26) Sa [<sup>\*</sup>ka] ba losa], kwe ka subli ka be t<sub>i</sub>.  
Be go plantation that-he ASP go-up ASP go  
'It is up the plantation he always uses to go.'
- (27) Sa [<sup>\*</sup>ka] pe j jibela], kwe ka tufu jelu ka pe t<sub>i</sub>.  
Be put pocket that-he put money put  
'It is in his pocket that he always puts the money.'

O que estas frases têm em comum é o facto de apresentarem um elemento focalizado foneticamente idêntico a um elemento encontrado *in situ*, à excepção da diferença fonética entre 'ba' e 'be' pelas já conhecidas razões. Crucialmente,

(25-27) fornecem-nos a evidência empírica de que precisávamos para assumir que em ST existem categorias híbridas.

Por um lado, apenas verdadeiras preposições com o seu objecto são focalizáveis, sendo esta uma propriedade partilhada por 'da', 'ba', e 'pe'. Note-se a marca de aspecto 'ka' nunca pode ocorrer em contextos de focalização. Por outro, o item lexical que permanece *in situ* pode receber a marca aspectual 'ka', que repetidamente argumentámos constituir evidência para determinar se estamos perante um verbo ou não.

Por outras palavras, assumimos que o item focalizado é a preposição e o elemento no final da frase o verbo. O facto de 'da' em (25) não poder receber marcação aspectual nas duas posições confirma que ele se comporta como uma preposição, o que é precisamente a previsão para um item lexical totalmente gramaticalizado.

Assumimos que os itens híbridos ou mistos em ST são ainda verbos no léxico, mas que podem ganhar o seu comportamento preposicional no curso da derivação. Por isso, é necessário que os mesmos itens já tenham alguns traços preposicionais subspecificados quando são tirados do léxico. Se pensarmos num léxico económico, é supérfluo armazenar dois itens com diferentes etiquetas categoriais. Isto só acontece quando o item é totalmente reanalisado como uma nova categoria (cf. os casos de 'da' e 'pasa').

### 8. Porque serialização em ST?

Parece-nos plausível que a estratégia serializante em ST foi adoptada numa fase relativamente incipiente da criouliização, visto que o Angolar, o crioulo *maroon* com significativa influência do Kimbundu e falado na mesma ilha, dispõe da mesma estratégia, além de ter uma gramática idêntica à do ST (cf. Maurer (1995) e Lorenzino (1998)).

As semelhanças entre o Angolar e o ST sugerem que a língua falada na altura em que os escravos fugidos começavam a constituir uma comunidade independente<sup>4</sup>, aproximadamente duas ou três gerações depois do primeiro povoamento por europeus, que data de 1486, já devia ser bastante estável e que a alta percentagem de léxico Kimbundu é o resultado de uma relexificação parcial de um outro crioulo (ST) devido à composição étnico-linguística dos que se refugiaram (cf. Lorenzino (1998)). Note-se no entanto que por falta de documentos não é óbvio se posteriormente às fugas o contacto entre a nova comunidade e as populações das roças continuou.

Lexicalmente, encontramos em ST importantes traços de, nomeadamente, o Kikongo (Bantu), mas também do Edo (Kwa). Embora o léxico deva sempre ser claramente separado da gramática (cf. as chamadas 'línguas mistas', como Media Lengua ou as línguas Romani), estas duas línguas africanas tipologicamente

distintas devem ser consideradas sérios candidatos de substrato na formação do ST.

Para além da contribuição lexical, porém, a repercussão das línguas Bantu na gramática do ST parece ser diminuta. O papel das línguas Kwa, contudo, é claramente mais significativo, nomeadamente num módulo da gramática tão transparente como as CVs. Dado a ausência de registos históricos pormenorizados relativamente à origem dos (primeiros) escravos em São Tomé, ou seja, aqueles escravos que provavelmente contribuíram mais decisivamente com o seu modelo gramatical para a formação do crioulo, a linguística comparada pode funcionar como um importante instrumento de reconstituição histórica.

McWhorter (1992) refere dois factores importantes no que respeita aos processos de crioulição. Primeiro, as línguas Bantu dificilmente podiam ser dominantes na crioulição, uma vez que as semelhanças estruturais eram maiores entre, no presente caso, o Português e as línguas Kwa e, em segundo lugar, os crioulos que serializam têm quase sem excepção línguas de substrato com a mesma estratégia. Compare-se por exemplo os crioulos de Cabo Verde e da Guiné-Bissau com os quatro do Golfo da Guiné.

Sem entrar em discussões mais pormenorizadas, verifica-se, portanto, que diversos factores convergem favoravelmente para a predominância do substrato Kwa na formação do ST. A tendência para a reanálise em CVs explica-se em função da pressão exercida pelo superstrato, que fez com que ao longo do tempo os verbos adquirissem as especificações gramaticais do Português.

O Bioprograma de Bickerton (1984), embora com poucos seguidores na actualidade, e teorias linguísticas mais recentes como o Minimalismo tocam-se em vários pontos, designadamente no conceito do custo mínimo. As teorias que se apoiam em *VP-shells* e *light verbs* fazem com que as línguas serializantes pareçam o caso não marcado do ponto de vista da Gramática Universal, devido à (quase) ausência de movimento, porque supostamente nestas línguas as posições na estrutura já estão preenchidas.

Porém, esta assunção é problemática visto que, em primeiro lugar, esperaríamos encontrar muito mais línguas serializantes no mundo do que é o caso. Assumindo (e é discutível) que os crioulos se desenvolveram a partir de uma linguagem simplificada (questionavelmente um *pidgin*) em que as categorias N e V supostamente são dominantes, a concatenação verbal devia desempenhar um papel fundamental e a serialização não se devia limitar apenas aos crioulos com línguas de substrato serializantes. Em segundo lugar, o caso prático do ST corrobora o que parece ser uma tendência universal orientada para a reestruturação gramatical em línguas que dispõem da estratégia de serialização.

## 9. Conclusões

Assumimos que as CVSS reflectem a influência das línguas (Kwa) de substrato que contribuíram para a formação do ST.

Devido a factores como o escopo e a relação estreita entre os eventos (cf. secção 5), os verbos em segunda posição viram os seus traços verbais enfraquecidos e, por conseguinte, verificou-se uma identificação parcial ou total com as categorias de superstrato.

Aplicando o critério de marcação aspectual no segundo verbo para efeitos de iteratividade, verificámos que algumas construções já não devem ser tratadas como CVSS, porque o caminho de reanálise dos verbos foi percorrido até ao fim.

Apresentámos evidência empírica para sustentar a hipótese de que alguns verbos têm um comportamento híbrido do ponto de vista categorial. Com base na situação linguística em S. Tomé, prevê-se que processos de reanálise devido à descrioulização (ou simplesmente evolução linguística) ainda se encontram activos e que categorias mistas provavelmente adquirirão a prazo uma etiqueta categorial definitiva determinada pelo superstrato.

## Notas

1 Esta comunicação não seria possível sem o incansável apoio do meu informante Jerónimo Xavier de Sousa Pontes e aquelas pessoas de e em São-Tomé que se disponibilizaram a partilhar o seu saber comigo, iniciando-me na sua língua. Este trabalho foi realizado ao abrigo do Subprograma Ciência e Tecnologia do 2º Quadro Comunitário de Apoio.

2 Em ST, verbos que admitem a formação de nomes agentivos nem sempre podem ocorrer em posição predicativa e vice-versa.

3 Trabalho em preparação.

4 Lorenzino (1998) argumenta que essa comunidade surge no segundo quarto do século XVI, altura em que houve várias revoltas de escravos.

## Referências

- Arends, J.; Muysken, P., Smith N. (1995), *Pidgins and Creoles: an introduction*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- Baker, M. C. (1989), «Object Sharing and Projections in Serial Verb Constructions», in *Linguistic Inquiry*, Vol. 20:4, Massachusetts, MIT.
- Bickerton, D. (1984), «The Language Bioprogram Hypothesis», *The Behavioral and Brain Sciences*, 7.2, Cambridge University Press.
- Campbell (1996), «Serial Verbs and Shared Arguments», *The Linguistic Review*, Walter de Gruyter.
- Collins, C. (1997), «Argument Sharing in Serial Verb Constructions», *Linguistic Inquiry*, Vol. 28:3, Massachusetts, MIT.
- Emonds, J. (1985), *A Unified Theory of Syntactic Categories*, Dordrecht, Foris.

- Ferraz, L. I. (1979), *The Creole of S. Tomé*, Witwatersrand, Witwatersrand University Press.
- Givón, T. (1995), *Functionalism and Grammar*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- Lefebvre, C. (edit.) (1991), *Serial Verbs: grammatical, comparative, and cognitive approaches*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- Lord, C. (1993), *Historical Change in Serial Verb Constructions*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- Lorenzino, G. (1998), *The Angolar Portuguese of S. Tomé: its grammar and sociolinguistic history*, Dissert. de Dout. pela CUNY.
- Mateus, H. et alii (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, 3ª ed., Lisboa, Caminho.
- Maurer, P. (1995), *L'Angolar: un créole afro-portugais parlé à São Tomé*, Hamburgo, Helmut Buske Verlag.
- McWhorter, J. H. (1992), «Substratal Influence in Saramaccan Serial Verb Constructions», in *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 7:1, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- Ross, D. (1967), *Constraints on Variables in Syntax*, Diss., Massachusetts, MIT.
- Sebba, M. (1987), *The Syntax of Serial Verbs*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- Veenstra, T. (1996), *Serial Verbs in Saramaccan*, Den Haag, HIL.
- Winford, D. (1993), «Directional Serial Verb Constructions in Caribbean English Creoles» in *Atlantic Meets Pacific*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.